

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 6 ° 1988

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

Esteiras de Arzila

AUGUSTO ABADE¹; JOSÉ ROMÃO²

RESUMO

As Esteiras de Arzila, tendo outrora servido diversas finalidades, são hoje essencialmente usadas no acondicionamento para transporte de árvores jovens. A melhoria das condições económicas nas comunidades rurais aliada à baixa rentabilidade e pouca procura das esteiras, tornaram a sua manufactura uma actividade em declínio. O presente trabalho descreve a colheita, escolha e preparação da matéria-prima — o bunho, *Scirpus lacustris* e o junção, *Carex riparia* — a manufactura das esteiras, os utensílios próprios destas fases e a comercialização do produto acabado. É ainda discutido o contexto social desta actividade e a sua evolução nas últimas décadas.

Palavras-chave: Arzila; Portugal; Esteiras; Cultura material.

ABSTRACT

The Arzila Mats, once serving a different purpose are nowadays essentially used for packing young trees for transport. The improvement of the standard of living in the rural communities together with low incomes and a drop in demand for these mats led to a decline in this craft industry. The present study describes the harvesting, selection and preparation of the raw material — *Scirpus lacustris* and *Carex riparia* — the manufacture of the mats, the tools used for each stage, and the commercialization of the end product, and includes the social context of this activity and its evolution in the last few decades.

Key-words: Arzila; Portugal; Mats; Material Culture.

Como pode uma zona natural caracterizar a vida de uma população a ponto de a demarcar? Um biótipo, ocupando uma pequena área, distinto do ambiente circundante não só pela geologia e recorte do terreno como pela

¹ Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra, 3049 Coimbra Codex.

² Instituto Botânico, Universidade de Coimbra, 3049 Coimbra Codex.

composição faunística e florísticas, altera intensivamente os costumes de uma comunidade humana. A população, dependente do meio, tira partido das características peculiares que este oferece, conjugando-se os interesses de ambos na harmonia que secularmente tem mantido vivo este sistema interactuante: a Natureza, selvagem, e a actividade artesanal humana.

Foi a constatação desta realidade, quase única e em decadência, e o desejo de compreender o seu funcionamento, que incentivou a realização deste pequeno trabalho³.

Arzila, lugar da freguesia do Amial, situado a cerca de 13 Km sudoeste de Coimbra, tem perto de um milhar de habitantes. A sua História, contada pelo povo é pródiga em antigas lendas. É a ponte dos mouros que ainda resiste ao tempo, a igreja mourisca de que já só restam velhos traços e as invasões francesas, em que cavalos e soldados foram retidos nos terrenos pantanosos do paúl.

Etnograficamente, Arzila é hoje caracterizada pela manufactura de esteiras, actividade que ocupa, contudo, apenas uma pequena parte da população. Exemplos semelhantes encontram-se pelo distrito, ainda em relativa abundância: as tecedeiras de Almalaguês, os paliteiros do Lorvão, os colhereiros de Benfeita.

Antes da revolução industrial, toda a actividade cultural (material) de uma comunidade humana tinha um carácter artesanal e dominava vários sectores: do cultivo e extracção de bens vitais, à concepção dos instrumentos que iriam facilitar essas actividades, até à produção de todo um rol de objectos considerados de utilidade secundária ou propostos para práticas lúdicas. De tudo isso, alterados que foram os factores económicos e sociais, remanescem actualmente algumas indústrias populares, cada vez mais individualizadas em pequenas localidades e em velhos artesãos.

A esteiraria é um ofício subsidiário, praticado por mulheres cuja média de idades ronda os 55 anos, que geralmente contam com o parco auxílio da reforma da Casa do Povo ou da Caixa (pelo marido), nunca dispensando o trabalho no campo em terras suas ou arrendadas. Aquela actividade já mobilizou a quase totalidade da população, mas em tempos ainda mais remotos, contam os velhos de ter ouvido falar, foi preterida pela sementeira e fiação do linho. O facto de não existir em Arzila qualquer designação especial para as mulheres que fazem esteiras, denota o carácter secundário desta prática.

Em Arzila, a subsistência da população é garantida pela contribuição dos mais novos, que estão empregados em Coimbra, e pela manutenção de uma produção agrícola diversificada ao longo do ciclo anual: o tratar das vinhas, o cultivo da batata e do milho, a monda do arroz numa pequena parte do paúl, o corte do bunho, a vindima, a apanha da azeitona. Além disso, é comum a criação de animais e a pesca da enguia nas valas do paúl.

³ Todos os elementos que constam neste trabalho reportam-se à data da sua realização, o ano de 1981.

ABRIL É O QUE TIRA DO COVIL

Distante 400 m oeste de Arzila, situa-se o paúl. Com um comprimento estimado em 2 km e uma largura que não ultrapassa os 500 m, orientado sensivelmente Norte-Sul, esta pequena faixa de terra constitui um importante património para Arzila e o país em geral, devido à sua riqueza florística e faunística.

Quanto à flora, pelo seu contributo para a esteiraria, destacam-se o bunho (*Scirpus lacustris* L.), que ocupa o centro e norte do paúl (sendo o sul dominado pelo caniço (*Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Stendel) e o junção (provavelmente *Carex riparia* Curtis). De aplicação menos frequente, a junça (possivelmente *Cyperus eragrostis* Lam.), a tabúia (*Typha latifolia* L.) e o junco (uma espécie pertencente ao género *Juncus* L.).

De uma particular importância faunística, o paúl de Arzila é povoado por inúmeras aves migradoras, mormente o pato real (*Anas platyrhynchos* L.) entre outros anatídeos, bem como passeriformes. Também aqui se pode encontrar o milhafre-preto (*Milvus migrans* Boddaert) e outros falconiformes, e a garça *Ixobrychus minutus* L.. Existem também indícios da presença do raríssimo gruiforme *Porphyrio porphyrio* L., conhecido pelo nome vulgar de caimão, e da lontra (*Lutra lutra* L.) entre os mamíferos.

A acompanhar o paúl em quase toda a sua extensão, existem três valas interligadas, denominadas pela população local «Vala do Monte» a que se encontra mais próxima de Arzila e que limita o paúl a leste, «Vala do Meio» e «Vala da Costa» que o limita a oeste. As duas valas limítrofes, juntam-se à do meio no extremo norte do paúl. Estas valas, hoje obstruídas por plantas aquáticas que aí se desenvolveram, eram outrora limpas regularmente pelos serviços hidráulicos do Mondego e pelos habitantes de Arzila, para possibilitar a circulação de barcos.

Propriedade do Infante D. Pedro até 1452, o paúl de Arzila foi nesse ano doado à viúva do Conde de Atouguia por D. Afonso V, como pagamento de uma dívida contraída pelo Infante àqueles condes. Herdado por gerações sucessivas ao longo dos séculos, foi o Conde do Sabugal e Óbidos o último descendente a ter em sua posse o paúl, vendendo-o em 1871 a um negociante do Porto.

Contudo, nunca o povo de Arzila reconheceu o Conde, os seus ascendentes ou o negociante do Porto como proprietários do paúl: desde sempre os habitantes da povoação tinham tido terrenos no paúl, que lavravam, extraíam deles os produtos, e os vendiam por vezes a outros. Aliás, em 1826, estando o Conde ausente e não mandando limpar as valas como era a sua obrigação, pois para isso recebia um quarto dos produtos cultivados no paúl, emitiu a Câmara Municipal de Coimbra um documento que permitia ao povo de Arzila: «... entrar na posse e fazer restituir ao público o livre uso e exercício da sua posse, investindo nella pelos meios legítimos todo aquelle do povo

que lha requeresse»⁴. Neste mesmo ano, foi feita pela «justiça pedanea» de Arzila, uma repartição do paúl pelo povo.

Actualmente muitos são os que têm terrenos no paúl: as leiras ou **sortes**, como mais vulgarmente são aí designados.

Estacas espetadas no solo ou marcos de pedra, delimitam cada sorte. No entanto, essas marcas, totalmente cobertas pela vegetação, de pouco servem, sendo raros aqueles que ainda sabem exactamente onde começam e acabam as suas sortes.

Com o despontar dos primeiros raios de sol de Abril, por entre as águas que inundam o paúl, começam a surgir milhões de pequenas pontas verdes; «Abril é que o tira do covil», um dito de Arzila referindo-se ao bunho, com que se fazem as esteiras.

O bunho é uma planta perene, com uma haste floral longa e flexível, encimada por flores muito pequenas dispostas em espiguetas.

O junção, que tem a sua época de floração em Setembro, aparece disperso por alguns locais do paúl, formando tufos de folhas que despontam sobre um emaranhado de raízes, elevados do solo cerca de um palmo. Estas elevações são conhecidas localmente por **camoiços**.

A APANHA DA MATÉRIA-PRIMA

Uma paisagem nova no paúl anuncia a chegada do Verão. A água que inunda a planície desceu ao seu nível mais baixo. Na atmosfera quente o bunho atinge a maturação. A tonalidade verde-escuro daquele intrincado quase impenetrável de folhas e hastes, indica que o corte pode agora começar.

Toda a matéria-prima é recolhida nesta altura do ano e guardada para posterior utilização. A «corta» terá impreterivelmente de se realizar até aos primeiros dias de Setembro, quando o bunho começa a «ganhar pinta», tornando-se assim impróprio para as esteiras e outras aplicações; mas, normalmente, esta operação dá-se por terminada logo nos primeiros dias de Agosto. Se o bunho não for cortado, torna-se mais forte no ano seguinte.

Ao longo das valas, demarcada que está cada sorte, aí são medidas de uma a cinco varas. A **vara** é a unidade de medida de terreno no paúl. Trata-se de uma cana-da-índia ou um pau de pinho ou eucalipto, dividido em seis côvados, com aproximadamente três metros de comprimento. Aquando das medições, muitas vezes pedem-se as varas emprestadas àqueles que as possuem e que normalmente são também os proprietários das sortes. Depois de medidas as varas de bunho que cada um comprou, dá-se um simples nó num molho de folhas de uma planta situada na «extrema» que se quer marcar. Esta indicação de propriedade serve para a compradora reconhecer a largura da faixa de bunho que irá cortar, pois que o comprimento é de vala a vala.

⁴ «Justificação da posse immemorial até 1833 do Paúl de Arzila, no Concelho e Comarca de Coimbra, pelo Exmo Conde do Sabugal e Óbidos, e embargos contra ella deduzidos no Juízo de direito da mesma comarca». Coimbra Imprensa-Literária. Coimbra, 1876.

Os limites laterais são marcados do seguinte modo: numa vala é espetado um pau ao alto — para servir de ponto de referência no caso de não existir aí qualquer árvore que seja visível de dentro das altas hastes de bunho — por um homem que, assim orientado, se desloca em linha recta de vala a vala deixando um sulco de demarcação ao caminhar por entre o bunho.

Restringindo-se actualmente à parcela do paúl mais próxima de Arzila, já foi o tempo em que a «corta» do bunho se estendia até Casal das Figueiras, onde finda a região de paúl propriamente dito. Juntavam-se mais de cem pessoas no paúl, entre cortadores e mulheres a escolher. Não havia tempo para descansar. Eram contratados homens para a «corta», a preços muito elevados, só justificados pela rudeza do trabalho. O cortador por sua vez contratava outros cortadores, para se agruparem a ele e executarem aquela tarefa «à sociedade». Este homem cortava e dirigia o grupo, levando consigo a pedra onde ele e os outros iam afiando os foijões em breves intervalos de descanso durante a «corta»; afastavam a vegetação em sítios onde sabiam haver algum **olheiro**, aparecendo entre o lodo a água límpida onde se lavavam e refrescavam. Andavam vários dias seguidos (até semanas) a trabalhar.

Água pela «cinta», calções feitos de calças cortadas pelos joelhos, pernas sujas de lodo, avançam então os cortadores, uns atrás dos outros cortando o bunho em carreiras. Pernas afastadas, deixam cair o foijão na base das hastes e folhas do bunho e do palhiço, sem fazer muita força sobre os braços (Fig. 1). Com ele se puxa para trás a **paveia** cortada, que se deixa sobre a água.

O foijão parece ser o instrumento ideal para cortar em sítios com água e é o ferreiro de Arzila que os faz, a partir de um modelo em lata; porém, deve ter sido introduzido já neste século, pois anteriormente os homens cortavam a foicinho. O primeiro modelo de foijão era ligeiramente maior que o actual (Fig. 2) e menos versátil até para o corte de outras espécies vegetais.

Mais recentemente, nos anos secos, tem-se usado a gadanha, mas é mais cara que o foijão e este deixa a paveia mais direita para se escolher o bunho.

De todas as fases da esteiraria esta é a mais penosa, dado o enorme esforço desenvolvido e as condições em que se processa: os homens obrigam-se a trabalhar sob o sol escaldante do Verão, tolhidos os braços pelo emaranhado da vegetação e as pernas pelo lodo, cortando muitas vezes debaixo de água...

Os poucos cortadores que ainda existem são contratados aos meios-dias. A remuneração, além de pecuniária, inclui vinho, como reminiscência de uma praxe antiga.

É tão árdua a tarefa que, um ano, foram para lá conduzidos os presos da penitenciária de Coimbra, a fim de a executarem.

Hoje em dia a «corta» é feita quase exclusivamente por familiares ou amigos (apenas por favor, ou em troca de outros serviços em regime de **dias por dias**) e por mulheres a foicinho.

Para o corte «a molho» do junção, as mulheres usam também o foicinho (Fig. 2), facilmente adquirível na feira ou em qualquer loja de ferragens. O junção é comprado juntamente com o bunho e a palha para as «camas» do gado, aos donos das sortes (que o apanham), ou roubado e «pernas a Sto. Amaro».

Quem não possui sortes no paúl, pode também comprar o bunho «à dúzia» (de **manhotas**, já cortadas pelos rendeiros ou donos de sortes).

Nas sortes que eram legadas a mais de um herdeiro o direito de exploração alternava anualmente ou então cortavam «à sociedade» (contribuíam todos os interessados) e depois dividiam o bunho entre si. Não raro era também juntarem-se duas a três esteireiras para comprar o bunho de uma vara.

Nos anos da última Grande Guerra a população de Arzila viu-se forçada a produzir uma encomenda de milhares de esteiras finas, de três baraças, para acondicionamento de garrafas de vinho, para Vila Nova de Gaia e Porto. Todo o bunho do paúl foi insuficiente e aquele comprado nas redondezas também foi rapidamente consumido. As esteireiras chegaram então a ir a Sto. Varão, Alfarelos e Formoselha desmanchar medas cortadas para «camas» de gado para daí retirarem o bunho.

Desde então, e até há cerca de dez anos, que de Arzila se foi comprar bunho a Alqueidão, Paião, Sioga, S. Facundo, Sto. Varão, Formoselha, Painça, Marujal e, sobretudo, Alfarelos. Nestes locais, o bunho já se encontrava cortado e atado em faixas. Muitas vezes traziam-no à cabeça ou então juntavam-se três ou quatro pessoas (para dividir a despesa) e alugavam um tractor ou carro-de-bois.

ESCOLHA E PREPARAÇÃO DA MATÉRIA-PRIMA

Atrás dos cortadores seguem as mulheres que irão separar o bunho das outras plantas que se desenvolvem conjuntamente (Fig. 3), operação a que chamam **escolher o bunho**: das paveias é **espipado pelas extremas**, isto é, segurando as hastes do bunho pelas espiguetas, em grupos de 2 ou uma a uma (Fig. 4), puxam-nas de entre o palhiço. Escolhido o bunho, este é agrupado de novo em paveias por tamanhos (Fig. 5) e, posteriormente, em manhotas que são **alargadas** ao longo das carreiras (Fig. 6) para que o bunho seque. Nesta fase é fundamental que o bunho não apanhe água pois enegrece e estraga-se.

O período de secagem dura aproximadamente oito dias, findos os quais, o bunho ganhou uma cor dourada. O paúl transforma-se então numa enorme manta de retalhos natural, de verdes-escuros entre cruzando-se com amarelos e castanhos que lentamente dão lugar a dourados.

O bunho é depois atado e as manhotas **emoreadas**, ou seja, são colocadas ao alto, encostadas umas às outras em grupos de doze, constituindo **moreias** (Fig. 7). Podem ficar assim alguns dias, sendo depois levadas à cabeça para a periferia do paúl. Outrora, se os invernos eram de muita chuva, o paúl ficava inundado e todo o trabalho da escolha do bunho se fazia dentro de água. O próprio bunho era alargado a secar sobre a água, colocando palhiço entre esta e aquele. Depois de seco o bunho era levado em barcos, através das valas, para fora do paúl e aí atado em manhotas e emoreado. Finalmente era transportado para Arzila pelos lavradores que, não sendo muitos os fretes, o faziam gratuitamente. Hoje, o bunho é transportado para Arzila em car-

ros-de-bois, carroças ou tractores. Quem não possui meio de transporte próprio, aluga-o a outrem, juntando-se muitas vezes várias esteireiras para o aluguer sair mais barato.

O bunho fica arrecadado dentro de uma meda de palhiço ou num alpendre, protegido da chuva para que não apodreça, podendo manter-se, quando seco, até dois anos em condições de ser elaborado. Na véspera de ser trabalhado, o bunho é salpicado com água e deixado assim até ao dia seguinte. Esta operação tem por fim hidratar o bunho para que este não se quebre aquando da manufactura da esteira.

Quanto ao junção, uma vez cortado pelas mulheres, é levado à cabeça para Arzila. Depois de alargado ao sol durante alguns dias para secar, é limpo com uma foice e agrupado em pequenos molhes que se guardam em local abrigado. Antes de ser torcido para fazer a **baraça**, fica cerca de quinze minutos imerso num alguidar com água. Para facilitar o torcer, não deve ficar nem muito seco (rijo), nem muito hidratado (mole).

MANUFACTURA DA ESTEIRA

Um tear muito rudimentar vai servir para a elaboração da esteira. Constitui-se de dois **canenhos** e de uma **vara**. Aqueles são hastes de pinho ou de outra madeira, com cerca de 2 metros de comprimento e cerca de 4 cm de diâmetro, assentes no chão e encostados obliquamente a uma parede. A vara é uma tábua com cerca de 245 cm de comprimento, 7 cm de altura e 2 cm de espessura. Esta é assente em dois pregos situados a meio dos canenhos e a cerca de um metro do solo. Na margem superior da vara são efectuadas seis **móssegas**, equidistantes de 32 cm. Em cada móssega irá ser suspensa uma **baraça** esticada por duas pedras — uma em cada ponta, por detrás e pela frente da vara (Fig. 8).

Há esteireiras que possuem dois jogos de pedras, as mais pesadas para apertar as esteiras grossas e as mais leves para as esteiras finas. As pedras, mais longas que largas, nunca ultrapassam os 10 cm.

Sentadas num pequeno banco ou no chão, as esteireiras começam por **torcer a baraça**, operação que consiste em fazer um cordão com as folhas do junção⁵, que servirá para prender as hastes de bunho na esteira.

Tomam quatro a oito **trevincas** de junção e, com os **troços** para cima e as pontas para baixo, dão um nó nos troços. Em seguida prendem-nos entre os joelhos, separam as trevincas em duas metades, e principiam a torcê-las entre as palmas das mãos.

⁵ A baraça também pode ser torcida com junça, que cresce em abundância no paúl. No entanto, por ser mais rija que o junção e conseqüentemente mais difícil de torcer, é rara a sua utilização. Anos atrás, quando faltava o junção, também se torcia com junco, que, nesta aplicação, foi substituído recentemente pelo fio industrial, servindo o junco apenas para atar os feixes de esteiras.

Fazem deslizar amplamente a mão que está por cima (a direita) para a frente, imprimindo-lhe ao mesmo tempo uma torção para a direita. Acto simultâneo, a mão que está por baixo desliza ligeiramente para trás e roda para a esquerda (Fig. 9). Este movimento, que obtém a sua amplitude máxima quando o polegar da mão direita se encontra, sensivelmente, sobre a falanginha do indicador da mão esquerda, enrola as trevinças que constituem cada metade.

Findo aquele movimento, a mão direita, ao regressar à posição inicial, tráz, presa entre o polegar e o indicador, para trás, a metade de trevinças que lhe estava mais próxima, fazendo-a passar sobre a outra metade transportada para a frente entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Na continuação destes movimentos consegue-se um duplo enrolamento: o das trevinças em cada metade e o de cada metade em torno da outra metade (Fot. 10).

Quando restam alguns centímetros de folhas de junção por torcer, a esteira junta mais trevinças, sempre com as pontas para cima por causa da serrilha cortante da margem das folhas (Fig. 11), reiniciando os movimentos.

Após atingir determinado comprimento, a baraça, ao princípio presa entre os joelhos, é passada por debaixo das pernas (Fig. 9), ficando presa entre as pernas e o banco (ou chão).

Para calcular a extensão correcta de baraça para uma esteira, dobram a baraça já torcida em seis partes, que esticam com os braços bem abertos (Fig. 12) numa operação a que chamam **talhar** ou **torcer a esteira**⁶. Sendo o comprimento suficiente, cortam as seis baraças, arrematam as pontas e **empedram as baraças**⁷.

A acção de empedrar a baraça consiste em prender uma pedra em cada extremidade daquela, para servir de contrapeso. Iniciam-na dando um nó a meio da baraça. Tomam então uma extremidade, na qual dão um nó corre-diço, colocando em seguida na laçada uma pedra com cerca de $9 \times 5 \times 3$ cm. Apertam este nó e enrolam a baraça em torno da pedra até próximo do outro, situado a metade da baraça (Fig. 13), puxando com força para esta ficar bem presa. O processo é repetido a partir da outra extremidade, utilizando outra pedra (Fig. 14).

Empedradas as seis baraças, são colocadas no tear, dando-se início à manufactura das esteiras.

Dos dois molhos de bunho encostados aos canenhos, a esteira vai retirar de um deles duas hastes de bunho (ou mais, se quiser a esteira mais grossa) que coloca lado a lado, na vara, sobre as baraças. Segurando com uma mão as duas hastes, com a outra vai fazer passar sobre elas três baraças seguidas, para o que troca a posição das pedras: a que se encontra atrás da

⁶ Para as esteiras mais grossas são necessárias quase 2 braças para cada baraça e, para as mais finas, uma braça e mais 20 cm aproximadamente. Uma braça é uma medida equivalente à distância entre as mãos, com os braços bem abertos.

⁷ Quando as baraças não se destinam a utilização imediata, são enroladas, é-lhes dado um nó com uma das baraças e são guardadas até posterior utilização. Diz-se dos rolos de baraças, colocados sobre outros, que estão **ugados**.

vara passa para a frente e a da frente para trás (Fig. 15). A metade das duas hastes que se encontra sobre as outras três baraças permanece nessa posição, ficando portanto livre (Fig. 16.1).

A esteireira retira mais duas hastes de bunho, mas agora do molho que está próximo das três baraças que não foram mexidas. Tal como fez para as primeiras, coloca-as lado a lado na vara sobre as hastes iniciais. O movimento das baraças vai ser repetido, mas agora são as três baraças ainda não viradas cujas pedras a esteireira vai trocar, sem mover as outras que continuarão a prender metade das duas primeiras hastes (Fig. 16.2) até ao terceiro movimento (Fig. 16.3). Assim, na primeira **vinca** presa pelas três primeiras baraças, ficam apenas duas hastes, enquanto nas vincas seguintes passarão a ficar quatro (Fig. 16).

Sendo duas esteireiras a trabalhar numa vara, cada uma encarrega-se de três baraças, mantendo-se no entanto a mesma sequência de movimentos, ou seja, quando uma vira as suas três baraças, a outra não vira.

À medida que novas hastes de bunho vão sendo colocadas na vara, a parte da esteira já feita descai entre o tear e a esteireira para o chão e, quando as baraças ficam curtas, desfazem-se algumas voltas de baraças nas pedras, operação chamada **desdar as pedras**.

Por fim, depois de colocadas as últimas hastes de bunho na vara, a esteireira retira as pedras, dá um nó nas extremidades das baraças, apara os **pentes** da esteira, e esta é dada por concluída.

Em Arzila, fazem-se fundamentalmente dois tipos de esteira: as de *Montemor* ou de *maltês* (pois serviam de cama para os malteses, os homens que andavam de terra em terra trabalhando no campo a soldo duns e doutros), e as de *do Cabouco*. As primeiras são grossas, levando quatro ou cinco hastes de bunho em cada vinca e têm uma largura média de 1,95 m. Uma mulher sózinha demora aproximadamente uma hora na sua manufactura. As segundas levam apenas duas hastes de bunho por vinca; a sua largura média é de 1,50 m e o tempo de manufactura situa-se entre os vinte e os trinta minutos.

O comprimento de ambos os modelos é sensivelmente o mesmo, correspondendo à distância entre a primeira móssega/baraça e a sexta, mais a extensão dos pentes (entre 10 e 20 cm cada).

Todavia, são feitos outros modelos de esteira quando encomendados: esteiras com quatro baraças e mais largas, tipo passadeira, ou com três baraças, muito pequenas (para acondicionamento de garrafas). Também já foram feitas esteiras com sete, oito e mais baraças mas, neste caso, o comprimento da esteira era o mesmo que o dos modelos correntes, apenas as baraças ficavam mais juntas.

Ocasionalmente, podem ainda fazer-se esteiras de bunho guarnecidas com tábua, embora haja pouca no paúl, seja mais difícil de trabalhar que o bunho, mais perigosa no manuseamento e o tempo de manufactura bastante maior.

COSTUMES

Actualmente é mais frequente ver-se apenas uma mulher a trabalhar em cada vara mas, por vezes, uma esteireira vai trabalhar com outra no seu tear, sem que exista qualquer remuneração, efectuando-se o trabalho em regime de dias por dias ou **dias trocados**, um dia uma mulher vai ajudar outra a fazer esteiras e, num outro dia, a que foi ajudada trabalhará para a primeira. Este regime não se aplica apenas à manufactura das esteiras mas também à escolha do bunho, por vezes ao corte, e ao trabalho de campo em geral.

Este é hoje um trabalho isolado, que se faz no quintal, ou num telheiro em tempo de Inverno, ocorrendo o mesmo quando a esteireira se entrega à tarefa de torcer a vara, sozinha ou apenas ajudada por alguma filha ou amiga.

Outrora, durante o verão, grupos de raparigas juntavam-se à noite, depois do trabalho no campo, a torcerem as varas e a fazerem esteiras ao som das canções da moda, cantaroladas por todas. Eram noites não apenas de trabalho mas também de convívio, a que por vezes se juntavam alguns rapazes para trocarem conversas e graçolas com as raparigas, sob os olhares benevolentes das mães, também elas a torcer ou a fazer esteiras.

Mas era durante o Inverno, quando o trabalho no campo diminuía, que se atingia o grosso da produção pois nessa altura do ano as esteiras constituíam a única fonte de rendimento para os camponeses mais pobres. As mulheres começavam ainda de madrugada a fazer esteiras, ajudadas pelas filhas e muitas vezes pelos homens, só parando noite dentro. As raparigas trabalhavam todo o dia para os pais e só à noite faziam esteiras para si, a fim de juntar algum dinheiro.

Era também corrente os lavradores empregarem mulheres para fazer esteiras. Trabalhavam sempre duas mulheres por vara, não tendo cada lavrador mais que duas ou três varas. Quem contratava é que torcia a vara e a empedrava, estando tudo preparado quando as mulheres chegavam. Estas saíam de suas casas às cinco horas da manhã, por vezes às quatro, para só regressarem à noite. Tinham de fazer por dia uma média de vinte e uma esteiras das grossas ou vinte e cinco das finas. Há 40 anos, as mulheres empregadas neste serviço ganhavam 5\$00 ao dia, tendo ainda direito ao café, pouco depois de chegarem, ao almoço a meio da manhã, ao jantar por volta do meio-dia, e à merenda a meio da tarde. Quando ficavam até mais tarde, era-lhes ainda dada a ceia.

Mas esses tempos, estando ainda vivos na memória de quem passou por eles, pertencem a um passado distante. Há mais de 20 anos que lavradores não contratam mulheres. Os grandes ranchos de raparigas desapareceram. Por motivo algum, hoje, um homem se põe a fazer esteiras — pois «fariam caçoada dele»... — e não há em Arzila mulher que, actualmente, faça mais de trinta esteiras por semana.

ESCOAMENTO E APLICAÇÕES DO PRODUTO ACABADO

Trinta anos atrás, era ainda possível ver de 30 a 50 barcos deslizando pelas águas da Vala do Monte em direcção ao Mondego: iam para a feira do ano, em Montemor-o-Velho.

Saíam de Arzila ao meio-dia, na véspera. Levavam em cada barco quarenta a cinquenta esteiras das grossas. A viagem durava uma hora mas, se houvesse pouca água, tinham de puxar o barco «à mão», pela margem, durante muito tempo.

Importante acontecimento para as esteireiras de Arzila e para toda a população do litoral beirão, a feira da Senhora da Encarnação, a 8 de Setembro, tem sido ponto de convergência de distintas formas de artesanato e de produtos agrícolas procedentes dos mais variados locais da região.

Após a chegada iniciam de imediato a venda de esteiras, principalmente às tendeiças e feirantes que, como eles, se servirão delas para dormir nessa noite. As esteireiras fazem com as esteiras uns abrigos que protegem da cacimba e do frio da noite.

Na noite da véspera há o baile e todos os divertimentos que uma feira popular proporciona. Aqui sim, reside o verdadeiro atractivo da feira para as esteireiras: não é o parco quantitativo que possam obter da venda das esteiras mas o desejo de proporcionar aos filhos e a si as realizações lúdicas da feira, que mobilizou e continua a conduzir as esteireiras a Montemor-o-Velho.

Na manhã do dia da feira paga-se o aluguer do local e vendem-se todas as esteiras (Fig. 17). Vende-se a intermediários que as levarão para a Tocha para a pesca da tainha, ao público em geral e até a mulheres que as compram para ir vendê-las mais caro noutra local da feira!

Actualmente, o meio de transporte das esteiras para Montemor é o tractor. Quando este é alugado, o pagamento efectua-se de acordo com o número de esteiras transportado, que normalmente oscila entre as 20 e as 30.

Outrossim para Montemor, mas desta feita para as feiras de realização quinzenal, era também costume partirem esteireiras, muitas vezes a pé, com vinte esteiras das finas à cabeça. Destas feiras, as «melhores», eram uma antes e outra após o dia de S. Tomé (25 de Julho). Nesta altura do ano as esteiras eram vendidas mais caras, por já muito do bunho se ter acabado e já não as haver, e ainda porque a procura era sempre assegurada por compradores que vinham da Tocha. Estes preferiam as esteiras de Maio e Junho, feitas de um bunho velho e, como tal, leves, por isso mais adequadas ao fabrico do *esteirinho* para a pesca da tainha.

Noutras feiras da região também se iam vender as esteiras de Arzila, nomeadamente às de Condeixa, de Cantanhede, Cabouco, Arazede e Tentúgal. Em Arazede, pelo menos até ao princípio do século, costumavam os pais oferecer às filhas que se casavam algumas esteiras grossas a que chamavam «camas»; esta mesma tradição manteve-se em Portela até finais da década passada. Em Tentúgal, costumavam os familiares de defuntos colocar esteiras no chão para que aí descansassem os amigos do falecido, enquanto o velavam.

As esteiras de Arzila viram-se vezes sem conta obrigadas a palmilhar longos caminhos com as esteiras à cabeça, na expectativa de as venderem. Iam para Casais, Taveiro, Ribeira de Frades, Condeixa, Soure e para a Gândara, região que abrange parte dos concelhos de Mira, Cantanhede e Figueira da Foz.

Iam para Coimbra, aos cadeireiros e fabricantes de móveis; ou para perto da ponte de Sta. Clara vendê-las a homens que vinham do Cabouco; ou ainda, na altura da Queima das Fitas, para serem destruídas pelos estudantes pouco depois de as terem comprado; para as Festas da Rainha Santa ía o rancho de Arzila em carros alegóricos com as moças a fazerem esteiras.

Nas festas da Senhora da Conceição, em Arzila, a 8 de Dezembro, também se vendem algumas esteiras feitas em Novembro.

A produção tem-se destinado na sua grande maioria a ser comercializada; vende-se à peça ou em pequenos lotes, à medida que vão sendo feitas: A grande via de escoamento constitui-se de comerciantes (intermediários) e outros que vão buscar esteiras a Arzila com relativa regularidade ao longo do ano.

Existem também alguns intermediários locais que as canalizam depois, na sua maioria, para as estações de fruticultura.

O acondicionamento de pequenas árvores, para protecção durante o transporte para os vários locais do país onde irão ser plantadas, constitui o maior emprego das esteiras. São para este fim utilizadas as esteiras mais finas, que também servem para forrar esplanadas, protecção de mobílias, apanha de azeitona, além de outras aplicações já mencionadas.

As esteiras grossas usavam-se para dormir a sesta no campo, para capachos, para servir de mesa estendidas no chão com uma toalha por cima, para forrar casas, esplanadas, adegas, cobrir os vegetais da geada e cobrir as dornas de vinho.

O bunho que restou pode ser igualmente vendido para a empa da vinha, no que é preferido ao vime por ser mais macio e não ferir o caule da videira. Com esse fim se deslocam actualmente a Arzila alguns indivíduos que compram mais de 200 molhes de bunho por ano. Serve ainda para enrestiar cebolas, fabrico de almofadas e cadeiras e para manufactura do **esteirão**, banco de forma anelar, construído por brincadeira pelas crianças de Arzila.

CONCLUSÕES

Pelo menos desde o século passado, parece não ter havido qualquer modificação na tecnologia de preparação e manufactura das esteiras. Mas o facto de o foição ter aparecido apenas no início deste século, permite-nos aventar a hipótese de a produção massiva de esteiras só ter tido lugar em Arzila a partir dessa altura, isto porque o corte a foicinho se torna inexoravelmente penoso.

A produção de esteiras sempre parece ter sido uma actividade subsidiária, apesar de ter ganho certa individualidade na altura da 2.^a Guerra Mundial e sempre que os Invernos eram rigorosos e não havia trabalho no campo.

A melhoria das condições económicas, a canalização da gente nova para as fábricas e repartições da cidade, o abono da Casa do Povo, tornaram dispensável este inglório ofício. Salvo raras excepções, as esteireiras são mulheres idosas, sem interesse em aumentar a produção. Os cortadores desenvolveram outras actividades. Os terrenos de bunho são substituídos por outras culturas. Não existe qualquer estímulo para o continuar desta actividade trabalhosa e pouco luvrativa.

A sua extinção ainda não se fez chegar por serem procuradas principalmente para o acondicionamento de árvores e devido à instituição da esteiraria em Arzila.

Por quanto tempo resistirá esta actividade da cultura material do homem, tão mal conhecida entre nós?

Graças a ela, o paúl, que é ele próprio o resultado da criação conjugada do Homem e da Natureza, tem continuado como importante repositório de espécies selvagens.

Onde o paúl já não é cortado, assiste-se à invasão do caniço.

E por certo outras alterações notáveis hão-de advir...

QUADRO 1. Fases de fabrico

FASES	ACÇÕES GERAIS	OPERAÇÕES	LOCAL	ÉPOCA	UTENSÍLIOS
1.^a	Corte e selecção da matéria- -prima junção	Cortar	Paúl	Julho/Agosto	Foição/Gadanha
		Escolher	»	» / »	—
		Secar	»	» / »	—
		Armazenar	Medas/palheiro	» / »	—
		Cortar	Paúl	Julho/Agosto	Foiçinho
		Limpar	Exterior da casa	» / »	Foiçinho
		Secar	Exterior da casa	» / »	—
		Armazenar	Palheiro	» / »	—
2.^a	Preparação da matéria-prima	Demolhar (bunho e junção)	Exterior da casa	*	Vaso com água
3.^a	Preparação das baraças	Torcer a baraça	Exterior da casa ou palheiro	*	—
		Talhar	»		—
		Cortar	»		Faca
		Arrematar as pontas	»		—
		Empedrar as baraças	»		12 pedras
4.^a	Manufatura da esteira	Virar as baraças	Exterior da casa ou palheiro	*	Tear
		Desdar as pedras	»		»
		Desempedrar e dar nós nas extremidades das baraças	»		»
		Aparar os pentes	»		Tesoura

* Durante todo o ano.

QUADRO 2. Tabela de preços (em escudos)

	1930	ANOS 30	ANOS 40	1960	1970	1975	1978	1979	1980	1981
Vara de bunho									120-170	250
Foição										800
Foicinho									100 - 170	
Gadanha									1300	
Cortador (preço por meio dia)									500-700	
Transporte de bunho	A. Do Paúl para Arzila 1. Tractor								350 - 500 ^a - 700	
	2. Carro de bois								300 ^a - 500	
(preços por frete)	B. Adquirido em Alfarelos (Tractor)						500			
Manhota de bunho	A. Para a população local									
	B. Para pessoas de fora									
	C. Para a Empa									
Transporte de esteiras para a feira de Montemor (preços por esteira)								3		5
Arrendamento de local na feira de Montemor									5	10
Esteiras	A. Grossas		0,6	1-1,5 ^b 2,5 ^c 3 ^d	5		20 - 30	30		70 ^e 110 ^f 180-190 ^g
	B. Finas			—		1,5	6			16-25 ^e 30-40 ^f

a: verificam-se simultaneamente.

FEIRA DE MONTEMOR: b: feira franca; c: feira boa; d: feira muito boa; e: ao intermediário local; f: no intermediário local; g: segundos intermediários.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Dr. Rodrigues de Areia a orientação, à Dra. Maria Arminda as sugestões e revisão do texto, ao Dr. Jorge Paiva e à Dra. Isabel Nogueira o auxílio na identificação das espécies vegetais, à Dra. Célia Valério o apoio à actividade de campo e a todas as esteireiras, sem cuja colaboração este trabalho não teria sido possível.

GLOSSÁRIO TÉCNICO

Alargar (as manhotas) — Espalhar o bunho.

Baraça — Espécie de cordão feito de junção, que serve para coser as esteiras, ou seja, prender as hastes de bunho.

Braça — Medida equivalente à distância entre as mãos, com os braços bem abertos.

Bunho — Planta com a qual se fazem as esteiras.

Camoços — Pequeno monte de terra, ou de raízes. «O junção cria-se em camoços»: as raízes formam um emaranhado que fica acima do nível do solo.

Canenhos — Hastes de madeira com 2 metros de comprimento e cerca de 4 centímetros de diâmetro, assentes no chão e encostados a uma parede, que sustentam a vara do tear.

Desdar as pedras — Quando a baraça fica curta, tiram-se uma ou mais laçadas de baraça das pedras.

Dias por dias — Diz-se do regime de trabalho em que, um dia uma mulher vai trabalhar para outra, e num outro, a que foi ajudada vai por sua vez trabalhar para a que a ajudou.

Dias trocados — O mesmo que 'dias por dias'.

Emorear — Colocar as manhotas ao alto encostadas umas às outras, em moreias de forma cónica.

Empedrar a baraça — Acção de prender uma pequena pedra em cada extremidade da baraça, para servir de contrapeso.

Escolher o bunho — Separar o bunho das outras plantas que se desenvolvem conjuntamente.

Espipar o bunho — Segurando pela ponta das hastes, retirar o bunho de entre as outras plantas.

Esteira — Tecido de bunho.

Esteiralho — Conjunto de vinte esteiras atadas topo a topo que se usam na Tocha e em Formoselha, para a pesca da tainha: são estendidas à superfície da água e a tainha, ao ver a sombra do esteiralho, julga ser um obstáculo dentro de água e salta, caindo-lhe em cima.

Esteirão — Banco de forma anelar construído com hastes de bunho, por brincadeira, pelas crianças de Arzila.

Foição — Instrumento usado para cortar o bunho no paúl.

Foicinho — Instrumento usado pelas mulheres para cortar o bunho no paúl; serve também para cortar e limpar o junção.

Gadanha — Instrumento usado para cortar o bunho no paúl. A sua introdução para este fim é recente.

Junção — Planta com cujas folhas se torce a baraça.

Manhota — Molhe de bunho que dá para 1-1,5 esteiras das grossas ou para 4-6 das finas.

Moreia — Grupo de 12 manhotas colocadas ao alto.

Móssegas — Ranhuras com cerca de 1 cm, feitas na vara, onde se colocam as baraças.

Olheiro — Nascente de água no paúl.

Palhiço — Diz-se das ervas que crescem no paúl conjuntamente com o bunho; serve para colocar nas camas do gado.

Paveia — Quantidade de bunho que é cortado de cada vez. Pequenos molhes de bunho.

Ripar o bunho — O mesmo que 'espipar o bunho'.

Sorte — Nome dado a cada propriedade no paúl.

Talhar uma esteira — Torcer a quantidade de baraça necessária para uma esteira.

Tear — Instrumento para fazer as esteiras.

Torcer uma esteira — O mesmo que 'talhar uma esteira'.

Trevinca de junção — Folha de junção.

Troços — A parte mais larga da folha de junção.

Ugar as baraças — Pôr os laços das baraças uns em cima dos outros.

Vara — A) Unidade de medida para a compra do bunho no paúl; uma vara é dividida em 6 côvados e tem cerca de 3 metros. B) Tábua do tear.

Vinca — Espaço, quantidade, de bunho que fica entre um cruzamento de baraça (troca de pedras) e o seguinte.



Fig. 1 — Corte com foição



Fig. 2 — Foição (à esquerda)
Foicinho (à direita)



Fig. 3 — Atrás dos cortadores, seguem as mulheres para escolher o bunho



Fig. 4 — Escolha do bunho



Fig. 5 — O bunho é agrupado em paveias



Fig. 6 — Várias manhotas alargadas ao longo das carreiras



Fig. 7 — Manhotas emoreadas

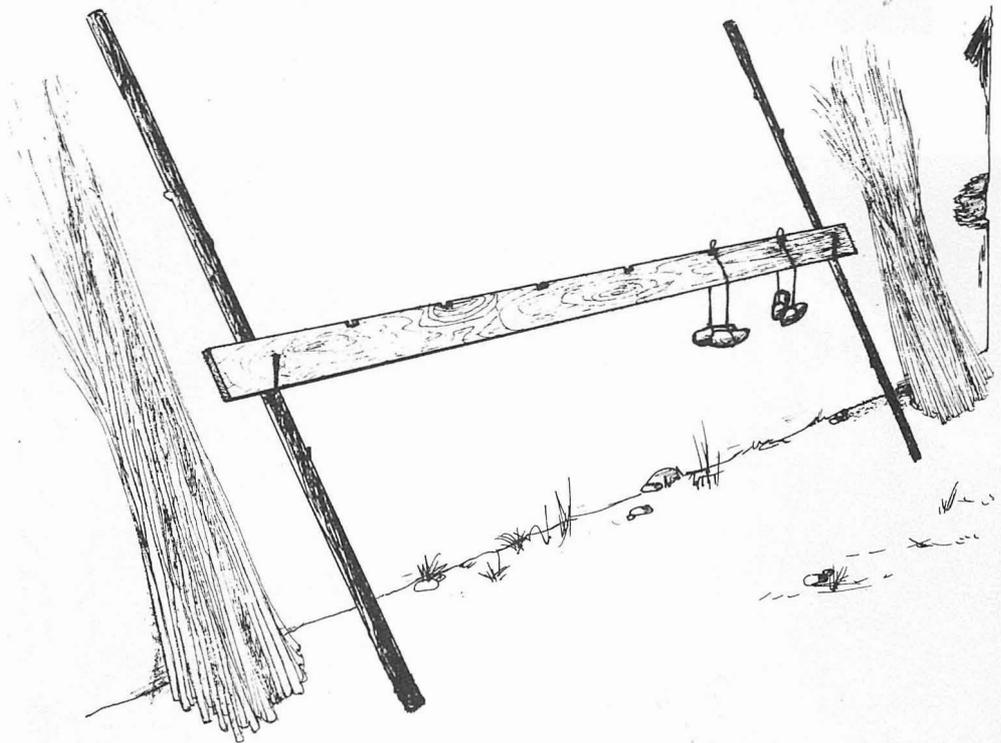


Fig. 8 — O tear: ao centro, a vara com duas baraças sustentada por dois canenhos laterais



Fig. 9 — Posição das mãos no acto de torcer

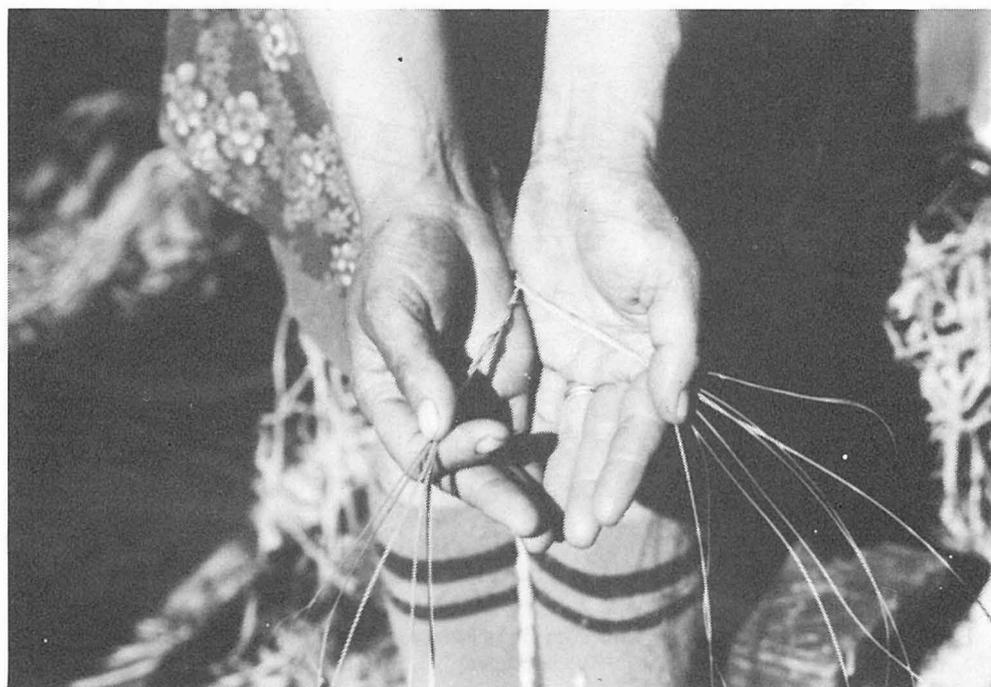


Fig. 10 — Aspecto do enrolamento após a sequência dos dois movimentos

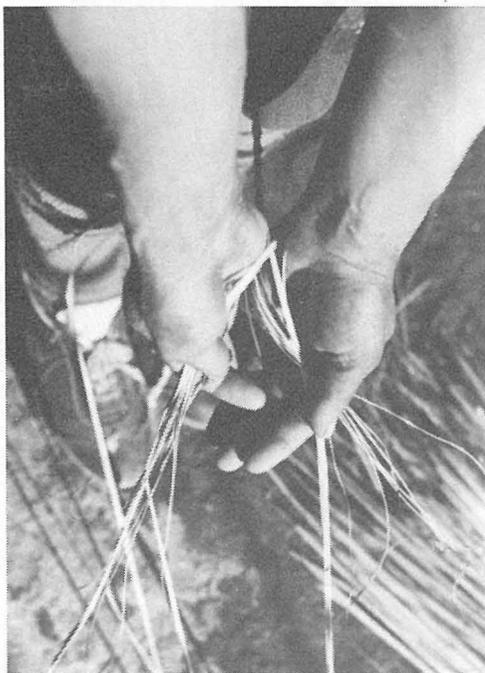


Fig. 11 — Acrescento de trevinças



Fig. 12 — Cálculo do comprimento da baraça para uma esteira



Fig. 13 — Empedrar a baraça

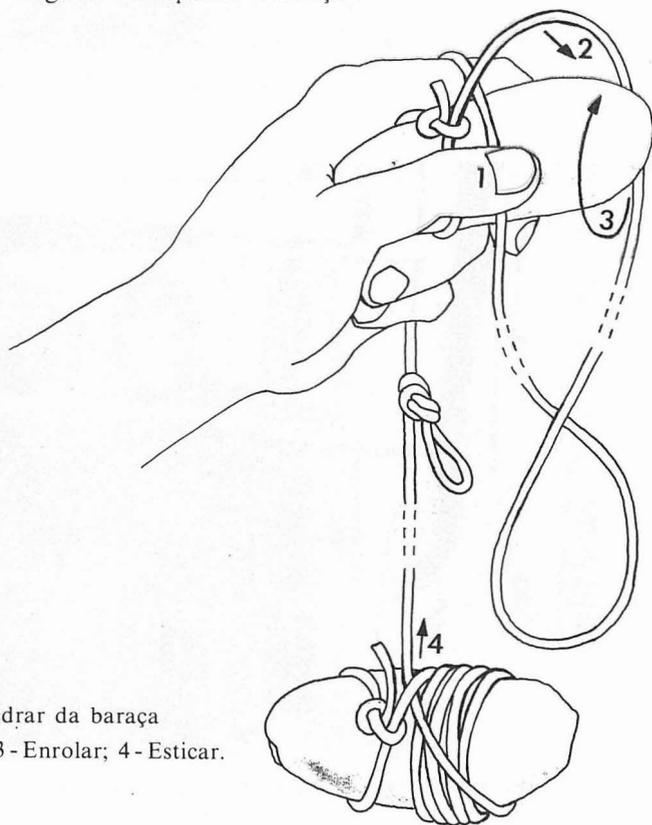


Fig. 14 — O empedrar da baraça
1 - Pressionar; 2 - Puxar; 3 - Enrolar; 4 - Esticar.

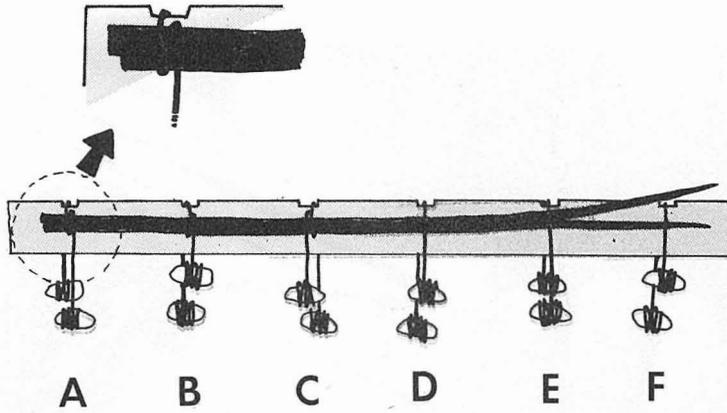


Fig. 16.1 — 1.^a colocação de bunho. Trocaram de posição as pedras das baraças A, B, C; o bunho preso por estas baraças corresponde à primeira vinca

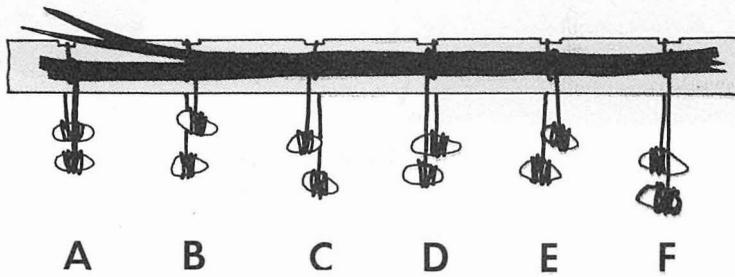
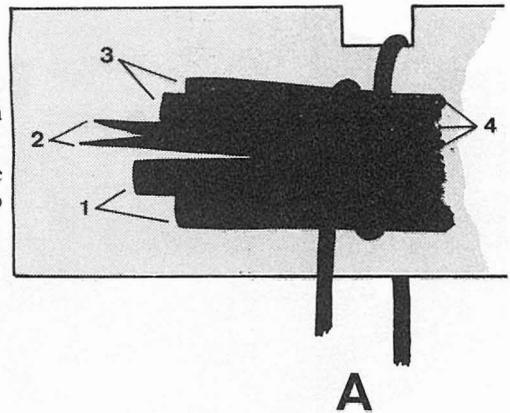


Fig. 16.2 — 2.^a colocação de bunho. Trocaram de posição as pedras das baraças D, E, F; o bunho preso por estas baraças corresponde à segunda vinca

Fig. 16.3 — Pormenor da baraça A, na terceira colocação de bunho

1 - 1.^{as} hastes de bunho; 2 - 2.^{as} hastes de bunho; 3 - 3.^{as} hastes de bunho; 4 - Bunho correspondente à terceira vinca



Fot. 16 — As três primeiras colocações de bunho na vara

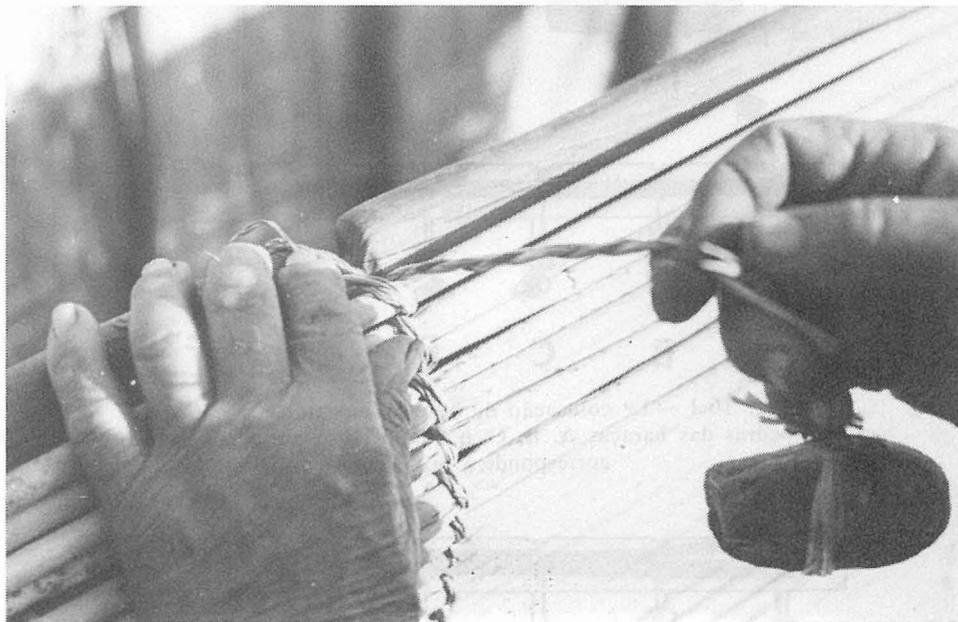


Fig. 15 — Trocar das pedras



Fig. 17 — Feira anual de Montemor-o-Velho; venda de esteiras